

# Sumário



## Artigos e Comentários

### 9 Diplomacia e democratização

Antonio de Aguiar Patriota

Na última década, a política externa brasileira tem sido capaz de se renovar e se antecipar às mudanças que estavam em curso na ordem internacional. Essas transformações foram revelando, ao mesmo tempo, uma maior dispersão do poder global, bem como a inclusão de mais países em desenvolvimento no processo de tomada de decisão. A diplomacia brasileira conquistou mais espaço e a inserção participativa do Brasil no cenário internacional tem sido seguida por uma incorporação crescente da sociedade brasileira nos debates da política externa do país. Um processo de refinamento da relação entre democracia e diplomacia está em curso no Brasil hoje em dia.

### 17 Seria a política externa brasileira um problema para o Itamaraty?

Gonçalo Mello Mourão

O autor comenta, de um ponto de vista pessoal, o artigo de Sean Burges, de título inverso, publicado no volume 21, nº 3 desta revista (edição de jan./fev./mar. 2013 – “Seria o Itamaraty um problema para a política externa brasileira?”). “Respondendo à pergunta inicial, creio poder dizer que essa política externa não é um problema para o Itamaraty, nem é um problema para o Brasil. E é para essa política externa que vai se abrindo, aos poucos, o cenário internacional”, diz o articulista. Para ele, o Itamaraty esteve na vanguarda em muitas formulações, entre elas, a abertura de Embaixadas residentes em todos os países das Américas e o processo de criação da CELAC e da Unasul; a realização das reuniões de cúpula com os países caribenhos; as cúpulas América Latina/África e América Latina/Países Árabes; o estabelecimento das 200 milhas de mar territorial; a criação do Tratado de Cooperação Amazônica; e a tentativa de facilitação do diálogo com o Irã.

### 25 Dinâmicas do processo decisório em política externa a partir de uma perspectiva cognitiva: o papel das imagens no caso da Política Externa Independente (1961-1964)

Fábio Albergaria de Queiroz

Este artigo tem como objetivo avaliar o papel de elementos cognitivos, mais especificamente o papel das imagens na criação e implementação da “Política Externa Independente” – PEI (1961-1964), um plano de ação que moldou a estratégia brasileira de inserção internacional em um contexto paradigmático, marcado por mudanças estruturais notáveis. Como resultado, o estudo concluiu que

- os processos de tomada de decisão da PEI foram profundamente vinculados a um conjunto de crenças, valores e imagens que os tomadores de decisão e formuladores de políticas levaram com eles, orientando e muitas vezes determinando a formação dos interesses nacionais.
- 39 “Eu vi o mundo”**  
**O princípio do multilateralismo nas gestões de política externa de Cardoso e de Lula**  
 Dawisson Belém Lopes
- O artigo tem como principal argumento que as diversas maneiras pelas quais o princípio do multilateralismo foi apreendido e traduzido, durante os mandatos presidenciais de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva, pelas elites brasileiras formuladoras de políticas, é uma poderosa metáfora para explicar como o Brasil está acostumado a conceber a sua presença no mundo e os seus papéis políticos vis-à-vis com outros países em desenvolvimento e países desenvolvidos. Além disso, a questão do multilateralismo lança luz sobre os diferentes significados práticos que os formuladores brasileiros de políticas, sob Fernando Henrique Cardoso e Lula da Silva, atribuem ao tão citado lema “democratização das relações internacionais”.
- 49 Vamos renegociar o Mercosul?**  
 José Botafogo Gonçalves
- O Mercosul que está aí não é o Mercosul que foi negociado pelo Tratado de Assunção. O articulista diz que o povo brasileiro tem o direito de opinar se prefere o Mercosul de Assunção ou o Mercosul bolivariano. “O governo atual, tão a favor de consultas populares, deveria apoiar a iniciativa de uma renegociação do Tratado de Assunção. O mundo mudou muito de 1991 aos dias de hoje, assim como os quatro sócios do Mercosul. Acredito que o Brasil e seus vizinhos sul-americanos teriam muito a ganhar com o lançamento de uma rodada de negociações comerciais no subcontinente”. Muito se discute se o Brasil deve ter um papel protagônico na sua circunstância político-geográfica sul-americana ou se deve seguir sozinho no seu caminho do desenvolvimento econômico e social, optando por um isolacionismo ao sul do Equador. “Não tenho dúvidas de que a primeira opção é a melhor”, conclui.
- 53 Falta ambição para Bali**  
 Pedro de Camargo Neto
- Nas últimas duas décadas, o Brasil tornou-se um líder agrícola. A posição de líder na exportação de inúmeras mercadorias foi seguida por liderança nas negociações na OMC. A criação do G20, que teve influência na reunião ministerial de Cancun, e os dois contenciosos vitoriosos do Brasil – o do açúcar e o do algodão – são o lado bem-sucedido dessa liderança. A reunião ministerial de Bali, em dezembro próximo, seria uma oportunidade para fortalecer a organização multilateral. A rodada de negociações, chamada Rodada do Desenvolvimento, em que a agricultura está no centro, novamente exigiria liderança do Brasil. Porém, isso não está acontecendo. Infelizmente, inexistente ambição do Brasil para a reunião de Bali.
- 59 Repensando as relações Estados Unidos/América Latina: trinta anos de transformações**  
 Abraham Lowenthal
- O artigo compara o relacionamento entre os EUA e a América Latina de 30 anos atrás com o atual. Enquanto os Estados Unidos são hoje uma sociedade envelhecida, com menor poderio e influência mundial, os países da América Latina, que enfrentaram a Década Perdida dos

- anos 1980, evoluíram econômica e socialmente. Agora, corresponde aos EUA viver a sua Década Perdida. O desemprego, que teve um forte aumento em 2008-2009, vem cedendo de forma bastante lenta. A renda familiar caiu, ao mesmo tempo em que a concentração de renda se intensificou enormemente. Em termos gerais, a história da América Latina e do Caribe é mais positiva hoje do que há 30 anos. Os próximos anos podem ser auspiciosos para a cooperação interamericana, não devido à filantropia dos Estados Unidos, nem ao fato de Washington temer certas tendências regionais ou influências externas sobre a América Latina, mas porque as transformações ocorridas nas Américas, do Norte e do Sul, geram um potencial de sinergia e de oportunidades mútuas.
- 69 A região avançou; os acadêmicos americanos, não**  
Mariano E. Bertucci
- Estudos acadêmicos americanos sobre a relação entre Estados Unidos e América Latina costumam lidar com a questão do ponto de vista da política externa dos EUA para a região. Dessa abordagem egocêntrica se originam erros profundos na compreensão do fato contemporâneo de que as nações latino-americanas têm grande latitude na formulação de suas políticas externas. Além disso, a maioria desses estudos falham em observar fatores urgentes e relevantes, tais como a cooperação internacional no domínio da energia, das drogas, da migração e do meio ambiente.
- Comentário**
- 75 A Fifa não é fofa**  
Juca Kfoury
- O acrônimo Fifa foi presença constante nos protestos de junho que mudaram o Brasil. A Copa das Confederações contribuiu como gota d'água para transbordar o copo de insatisfações da população com os serviços públicos no país. O autor discute se o Brasil terá vantagens com a realização da Copa do Mundo no país em 2014 e defende a posição de que não terá.
- 79 Impactos socioeconômicos da Copa do Mundo Fifa 2014 e seu legado para o futebol brasileiro**  
Fernando Blumenschein  
Diego Navarro
- A Copa do Mundo Fifa 2014 é parte dos megaeventos esportivos que o Brasil acolhe desde os Jogos Pan-Americanos de 2007. Após a Copa do Mundo virão os Jogos Olímpicos Rio 2016. A Copa destaca-se, entre vários motivos, pela excelência do país, reconhecida internacionalmente na prática do futebol e porque várias cidades vão sediar alguns dos 64 jogos por 32 equipes nacionais. Este artigo trata principalmente dos impactos socioeconômicos da Copa do Mundo e do tipo de legado que pode deixar para o Brasil. Todo o investimento realizado em construção e reforma de estádios e infraestrutura relacionada se traduz diretamente em oferta para os clubes de futebol, de um lado, e de desafios de aprendizado em um novo patamar, de outro.
- 91 Para onde vai a China sob a quinta geração**  
Clodoaldo Huguenev Filho
- No XVIII Congresso do Partido Comunista Chinês, no final de 2012, concluiu-se a transição entre a quarta geração, de Hu Jintao, e a quinta geração, liderada pelo novo secretário-geral então escolhido, Xi Jinping, que acumula também, como seu antecessor, a função de presidente da China. Os novos dirigentes partem de uma base quantitativa sólida e assumem uma China que é hoje respeitada no mundo, mas terão pela frente o desafio de promover

as reformas que a quarta geração não pode levar adiante, em virtude da crise mundial, ou porque não teve a determinação para implementá-las.

O objetivo seria transformar a China de um país desigual e em desenvolvimento, com uma renda *per capita* em torno de seis mil dólares, numa economia de renda média entre dez e quinze mil dólares, nos próximos dez anos, com uma distribuição muito mais homogênea e com serviços sociais modernos e uma redução de seu passivo ambiental. Essa é a transformação à qual deverá se dedicar a quinta geração.

- 109 A estratégia petrolífera chinesa: o avanço da China nos países perimetrais**  
Felipe Santos

O apetite chinês por petróleo e a reação dos países periféricos quanto às investidas chinesas têm alterado relativamente a dinâmica da geopolítica regional. O dragão asiático tem veementemente investido em produção e exploração de óleo e gás natural, tendo como estratégia principal a entrada em mercados em que a presença europeia e americana ainda permanecem incipientes. A China, menos preocupada com questões humanitárias e aspectos políticos democráticos como precondição para realizar negócios, tem ativamente investido em países como Sudão, Irã, Venezuela, dentre outros. O gigante asiático é criticado por países desenvolvidos por suas estatais empregarem no exterior mão de obra chinesa e terem baixos padrões de segurança ambiental. O fato de os chineses evitarem a concorrência direta com as grandes petrolíferas tem resultado em vantagens à entrada de estatais chinesas em países que em geral são ignorados pelas principais economias globais.

- 121 O Novo Japão rumo a 2020**  
Naoki Tanaka

Desde que passou a ser governado por Shinzo Abe, em dezembro de 2012, o Japão entrou numa sequência de ambiciosas reformas econômicas e culturais com o objetivo de retomar o crescimento interrompido há quase duas décadas. Entre os objetivos do governo estão atingir até 2020 um orçamento equilibrado e acabar com a cultura corporativista que vige no Japão. O artigo faz um resumo desses objetivos.

- 131 Egito – Crônica de uma revolução em curso**  
Salem H. Nasser

A onda de revoltas que tomariam de assalto o mundo árabe, da Tunísia ao Egito, à Líbia, ao Iêmen, ao Bahrein, à Síria e além, tem causas comuns aos vários processos revoltosos e semelhanças entre eles. Porém, cada revolta seguiu um curso próprio e vai chegando a resultados diversos. Dentre as causas comuns, há aquelas que se repetiam no seio de cada sociedade, de cada país, e há aquelas que acometiam – e o seguem fazendo – o conjunto dos povos árabes como um coletivo, e não mais como Estados ou sociedades singulares. Os males internos, encontráveis em praticamente todos os países árabes, constituem uma lista razoavelmente conhecida: centralização do poder e autoritarismo policialesco, corrupção, pobreza e desigualdade social, desemprego, déficit democrático. Suficiente material para revoltas. O risco maior: o de que grupos radicais mais violentos, já em ação no Iraque, na Síria e em tantos outros lugares, transformem o Egito em mais um campo de batalha e, talvez, de guerra civil.

## Passagens

---

- 141** Garry Davis (1921-2013),  
cidadão do mundo  
Carlos Eduardo Lins da Silva

## O mundo na ficção

---

- 143** *Hannah Arendt* (filme)  
Direção de Margarethe von Trotta,  
Alemanha, Luxemburgo, França, 2012  
Celso Lafer

## Livros

---

- 149** Norberto Bobbio: trajetória e obra  
Celso Lafer  
Gelson Fonseca Jr.

- 153** Madrasas não são todas iguais  
*Khoda Hafez vs Allah Hafez  
and Other Critical Essays*  
Mahfuzur Rahman  
*From Naogaon to New York:  
An Unedited Memoir*  
Mahfuzur Rahman  
Helga Hoffmann

- 160** Nem Heróis, Nem Vilões: curepas,  
caboclos, cambás, macaquitos e  
outras revelações da sangrenta  
Guerra do Paraguai  
Moacir Assunção  
Ricardo Sennes

- 165** *The End of Power: From  
Boardrooms to Battlefields and  
Churches to States, Why Being in  
Charge Isn't What It Used to Be*  
Moisés Naim  
Luis Fernando Ayerbe

## Documentos

---

- 169** A Organização das Nações Unidas  
dez anos após a morte de Sérgio  
Vieira de Mello  
Ronaldo Mota Sardenberg